

## Crianças parentalizadas<sup>1</sup>

---

Algumas crianças vêm-se na posição de terem de tomar de conta dos seus irmãos ou pais quando ainda são muito novas. Quando a criança tem durante algum tempo o papel de tomar conta de outra(s) e de saber que esta depende de si, isso dá-lhe um sentido de responsabilidade e de auto-estima, o que é importante e não deve ser desvalorizado. As crianças parentalizadas são extraordinariamente resilientes, e cabe aos pais adotivos valorizarem o esforço que fizeram no sentido de salvar a sua família. Isto não quer dizer, claro, que a vida tenha sido fácil ou simples para a criança, a quem foram roubados anos de brincadeira e conforto, que podem agora ser recuperados.

A integração das crianças parentalizadas nas famílias adoptivas deve ser realizada com cautela, principalmente quando estas tomam conta dos seus irmãos há algum tempo. Por um lado, manter a relação entre irmãos é importante para ambos, por outro, quando a criança parentalizada assumiu determinadas responsabilidades durante muito tempo é-lhe difícil sair do seu papel e aceitar que outros podem agora tomar conta dos seus irmãos (e que todos estão finalmente em segurança). Isso pode dificultar a relação entre a criança parentalizada e os seus pais adoptivos, levando à discórdia quando a criança coloca em causa as decisões dos seus novos pais ou cria situações de conflito de lealdade entre todos.

O ideal será que as equipas de adopção expliquem aos pais adoptivos os motivos pelos quais a criança parentalizada age de certo modo, para que estes não se sintam postos em causa e possam lentamente ajudar a criança a perceber que estão do seu lado e não contra ela. Os pais devem ser preparados para o facto de este ser um processo lento (afinal, que motivo teria a criança para confiar neles de repente?). Os pais devem conversar com a criança, explicar-lhe as razões por detrás das suas decisões e pedir-lhe ajuda sempre que necessário (e vai ser necessário, acreditem, pois ela conhece os seus irmãos melhor que ninguém). Se os pais lidarem com a situação com cuidado, em vez de se quererem sobrepor à criança parentalizada, retirando-lhe o seu importante papel, podem vir a perceber que têm uma aliada importante em casa.

---

<sup>1</sup> Este material pode ser reproduzido livremente, mediante referência a [www.adoptareacolher.com](http://www.adoptareacolher.com)

Ao mesmo tempo, a criança parentalizada deve sentir que continua a ser importante e que a sua presença é apreciada, mas que o seu papel pode mudar lentamente, deixando de ser a pessoa que tem de impor limites, disciplinar e estabelecer regras para os irmãos, passando a ter a liberdade necessária para viver por fim a sua infância tardia ou adolescência com menos responsabilidades. Esta mudança vai ser sentida com alguma ambiguidade pela criança mais velha, sendo esse um assunto sobre o qual os pais podem conversar, evitando questionar o seu papel e mostrando-lhe lentamente que são capazes de tomar conta dos seus irmãos.

As crianças mais velhas podem também sentir **conflitos de lealdade** entre os seus pais biológicos, que julgam estar a trair, e a família adoptiva, de quem podem começar a gostar (ao mesmo tempo que a vão questionando incessantemente). Cabe aos pais tranquilizar a criança mais velha, fazendo-a ver que não querem substituir o papel importante que os seus pais têm e terão sempre.

Os pais que adoptam uma fratria com uma criança mais velha devem estar preparados para adiar a gratificação que surge com a parentalidade, devem saber que a criança pode não apreciar os seus esforços e que existe a possibilidade de que nunca os veja enquanto pais (mas sim enquanto cuidadores ou amigos). Estudos indicam que algumas crianças adoptadas na adolescência só percebem a importância dos seus pais adoptivos quando têm o seu primeiro filho/a. Se os pais ajustarem as suas expectativas, procurarem que a criança cresça ao seu lado, sem a forçarem a ter um papel que ela não quer ter ou para o qual não está preparada, as coisas correm melhor.

Os pais devem saber que:

- As crianças parentalizadas têm um **grande sentido de responsabilidade** e estão habituadas a tomar conta dos seus irmãos ou pais;
- Foram forçadas a **crescer demasiado rapidamente**, o que as leva a ser prematuramente adultas nalgumas coisas, sentindo-se muitas vezes mais à vontade com adultos do que com os seus pares da mesma idade. Isto leva-as por vezes a sentirem-se pouco integradas com os seus colegas e amigos;
- O facto de terem tido esta responsabilidade desde cedo não as leva a saber melhor o que fazer ou como educar os seus irmãos, mas leva-as, sim, a ter um **papel de autoridade** e confiança com os irmãos que os pais terão de esperar muito tempo para conseguir igualar;
- As coisas correm melhor quando os pais **sabem justificar as suas decisões**, integrando a criança nas suas escolhas, e explicando-lhe os motivos destas de forma calma;

- As coisas correm melhor quando os pais (que afinal estão agora a ser pais pela primeira vez) **sabem pedir desculpa** quando fazem algo mal (o que vai certamente acontecer) e conversar com a criança;
- A criança já tem a sua personalidade formada, com os seus gostos, talentos e características, e que não faz sentido procurarem transformá-la. Aceitar a criança tal como é, com as suas extraordinárias qualidades, é fazer-lhe justiça. Não a obriguem a provar coisas de que não gosta, a vestir-se de certo modo, etc.
- A criança mais velha precisa de **fazer o luto** pela família que não teve, que existem períodos em que estará triste e que precisará do apoio dos pais adoptivos, por muito que os rejeite. Saber estar ao lado dela, sem se imporem ou procurarem consolá-la, mas acompanhando a sua tristeza, é fundamental;
- É normal que a criança **teste e desafie** os pais adoptivos, devendo isto ser considerado uma oportunidade para os pais lhe provarem que estão à altura dos testes. Estes não devem ser levados a peito;
- Cabe aos pais **direccionar e ajudar** a criança a crescer na direcção que escolheu, conversando com ela sobre as suas decisões e ajudando-a a ficar cada vez mais forte e independente, mas com laços afectivos profundos, e com a consciência de que não está sozinha no mundo;
- As regras em família devem ser elaboradas **em conjunto** e a criança deve participar nas decisões;
- Tal como sucede com as crianças adoptadas, as crianças parentalizadas têm por vezes **dificuldade em aceitar o não**. Por vezes julgam que uma resposta negativa significa que os pais não gostam dela e cabe aos pais explicar com paciência que precisam de impor limites e zelar pela sua segurança.
- Tal como acontece com as crianças mais novas, os pais precisam de procurar compreender qual a idade real (e não cronológica) da criança e ajustar as suas expectativas. Precisam igualmente de a ensinar a manifestar emoções de uma forma saudável.